

## A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA VISÃO DE LEONARDO VAN ACKER

*Sílvio Firmo do Nascimento – UNIPTAN*  
*Doutor em Filosofia – UGF-RJ*  
*Curso de Direito – UNIPTAN*  
*E-mail: [silviofirmodonascimento@gmail.com](mailto:silviofirmodonascimento@gmail.com)*  
*Fone: (35)9 9890-9920*

**Resumo:** O presente artigo discutir a filosofia da educação na ótica de Leonardo van Acker em meados do século XX sob a influência da perspectiva tomista, ensinada pelo pensador. Suas ideias serviram de orientação ao ensino da filosofia, expressando o quanto o pensador é importante para o debate da filosofia da educação no conjunto das disciplinas da época, sobremaneira da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que nasceu no contexto do amplo movimento católico de socialização da sociedade brasileira, na década de 1920, com sua justificativa, a crise de domínio da Igreja, aparente de crise moral, em função do avanço crescente da laicização das instituições a qual, dentro dessa visão, contribuía para solapar a implantação dos ideais cristãos na sociedade. A criação da universidade católica significou, para a Igreja Católica, uma conquista grandiosa face à difícil situação em que se encontrava na década de 40.

**Palavras-chave:** Leonardo van Acker – Filosofia da Educação de Leonardo van Acker – O neotomismo e a filosofia contemporânea – Os programas de Filosofia da Educação no século XX

### 1 Introdução

O presente artigo resulta de uma pesquisa a filosofia da educação na ótica de Leonardo van Acker em meados do século XX sob a influência da perspectiva tomista, ensinada pelo pensador. Portanto, propõe-se haurir as ideias de Acher que serviram de orientação ao seu ensino, bem como dos principais eventos que marcaram essa área de conhecimento. O seu pensamento encontra-se associado à criação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), que nasceu no contexto do amplo movimento católico de socialização da sociedade brasileira, na década de 1920, com sua justificativa, a crise de domínio da Igreja, aparente de crise moral, em função do avanço crescente da laicização das instituições a qual, dentro dessa visão, contribuía para solapar a implantação dos ideais cristãos na sociedade.

Como vemos, de acordo com o projeto da Igreja, a veiculação da espiritualidade católica seria como meio fundamental o sistema educacional, especialmente o ensino superior – dimensão onde se formaria uma elite devidamente aparelhada científica e moralmente para dirigir o país à luz de seus ideais.

Constatamos que a preocupação da Igreja Católica diante dos sistemas públicos e estatais de ensino e do surgimento de universidades públicas imbuídas de ideais laicos e democráticos, como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade do Distrito Federal (UDF), fez com que ela investisse na criação de sua própria universidade, como ambiente propício para a formação da elite necessária ao país: uma elite fundamentalmente católica.

Assim, criação da universidade católica significou, para a Igreja Católica, uma conquista grandiosa face à difícil situação em que se encontrava na década de

40. Não significou, todavia, uma vitória plena considerando-se sua pretensão de monopolizar a cultura superior do país. Tratava-se, portanto, de aproveitar todas as possibilidades trazidas pela fundação de sua própria universidade, fazendo dela um espaço no qual poderia implementar seu projeto de conformação ético-religiosa das novas gerações. Nesse sentido, a PUC-SP (*locus* institucional deste estudo) representou um espaço privilegiado de produção, divulgação e circulação do ideário católico consubstanciado na filosofia de São Tomás de Aquino que se infiltrou na instituição mediante diferentes perspectivas, inclusive e, sobretudo, nas disciplinas de caráter filosófico como era o caso da Filosofia da Educação.

## 1 A filosofia neotomista de Leonardo van Acker

O pensamento tomista, no Brasil, segundo Fernando Arruda Campos (1968), concentrou-se, no período compreendido entre a Proclamação da República e a Revolução de 1930, no Rio de Janeiro e em São Paulo. No Rio, ele foi difundido, fundamentalmente, através dos intelectuais católicos, reunidos em torno do Centro Dom Vital. Já em São Paulo, concentrou-se, prioritariamente, na Pontifícia Universidade Católica (PUC), na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira.

Temos na PUC-SP, os principais representantes, dessa corrente, Michel Schooyans, Beda Kruse, José Antônio Tobias, Adolfo Crippa e Leonardo van Acker, considerado “um dos mais ilustres neotomistas do País” (Campos, 1968, p. 123). No contexto deste estudo, destaca-se o nome de Leonardo Van Acker, sobretudo em função da enorme influência que exerceu, como filósofo da educação e professor catedrático de Filosofia da Educação, na PUC-SP entre os anos de 1948 a 1955.

Diante do exposto, passamos a falar da biografia de Leonardo Van Acker que nasceu, em 16 de janeiro de 1896, na cidade de Bruges, Bélgica. Aos 25 anos fez-se doutor em Filosofia, pela Universidade de Louvain, onde era famoso o Instituto Superior de Filosofia (Escola São Tomás de Aquino), coordenado pelo Abade Desiré Mercier, que influenciou as ideias defendidas por Acker. Segundo Maria Betânia Barbosa Albuquerque (2002), este Instituto situava-se dentro de um amplo movimento que visava ao renascimento do tomismo em harmonia com o pensamento moderno. As aulas, contra a tradição do latim, eram ministradas em francês, “para efeito de demonstração da atualidade do tomismo”.

No ano de 1921, Leonardo Van Acker chegou ao Brasil com a missão de substituir Carlos Sentroul na cátedra de Filosofia da Faculdade São Bento, uma das faculdades constitutivas da PUC/SP. Sendo fundada a PUC-SP em 1946, Acker fez parte do Conselho Técnico e Administrativo da Faculdade de Filosofia de São Bento, tendo pertencido ao Instituto Brasileiro de Filosofia do qual foi membro fundador. Já de início, responsabilizou-se por diversas cadeiras, nas várias unidades que constituíam a PUC-SP. Na Faculdade Paulista de Direito, foi catedrático de Filosofia do Direito; na Faculdade de Filosofia *Sedes Sapientiae*, catedrático de Filosofia, Lógica e Criteriologia; na Faculdade de Filosofia de São Bento, Filosofia Geral, Metafísica, Lógica, Introdução à Filosofia,

História da Filosofia Moderna, Filosofia Social e Filosofia da Educação, a partir de 1948 (cf. GRANJO, 1999, p. 332-333 *apud* BRITTO, 1999).

Temos em Acker um intelectual rigoroso com o seu trabalho e homem de vasta cultura filosófica, foi considerado, em certos círculos, um dos maiores conhecedores da filosofia contemporânea de sua época, embora tenha privilegiado os princípios da filosofia neotomista na formação dos estudantes, nos artigos publicados, nas palestras proferidas e nos inúmeros Encontros de católicos dos quais participava ativamente.

Por sua vez, como defensor intransigente da Filosofia de São Tomás de Aquino, Acker procurou manter uma postura próxima à dos seus mestreslouvainenses, ou seja, a de busca de uma harmonia entre o tomismo e o pensamento moderno, daí sua abertura ao diálogo com as correntes modernas e contemporâneas da Filosofia. Tal abertura, entretanto, apresentava limites explícitos, posto que “no momento em que uma descoberta científica nova e segura pusesse em cheque uma tese filosófica partilhada por Santo Tomás ou Aristóteles, nós abandonaríamos tal tese, sem sombra de pena” (SENTROUL, *apud* CAMPOS, 1968, p. 75). O fato era que, entre todas as correntes de pensamento, estava sempre em primeiro plano, a filosofia tomista. Segundo Antônio J. Severino (1997, p. 34), esta “é a forma mais perfeita e acabada do modo metafísico de pensar, no sentido que a metafísica assumiu na tradição cultural do Ocidente”. Trata-se da volta ao pensamento de Aristóteles, devidamente adaptado aos princípios teológicos do cristianismo.

Consideramos a inspiração filosófica de Acker em São Tomás de Aquino, o qual considerava que, se o aristotelismo era, de fato, uma doutrina racional, o aristotelismo cristão deveria ser possível, visto que a razão nunca poderia contradizer a verdade, do mesmo modo que a verdade racional não poderia contrariar a verdade revelada. De acordo com Antônio J. Severino (1997, p. 36), a influência do pensamento tomista na cultura brasileira foi marcante. Essa hegemonia só começou a ser questionada com a chegada ao Brasil, na virada do século XIX, do Positivismo com seus pressupostos ligados ao cientificismo iluminista, “o que na educação se dará mediante o desenvolvimento da Escola Nova, sob a égide da ideologia liberal”.

De fato, os pressupostos filosóficos do tomismo, defendidos com veemência por Acker, encontraram, sobretudo nos anos de 1930, reação intensa por parte do grupo dos chamados pioneiros da educação nova. Durante esses anos, e a primeira metade dos 40, afirma Granjo (1999), a produção intelectual de Acker concentrou-se nas questões referentes à educação brasileira, polemizando ativamente com esse grupo.

A crítica aos pressupostos filosóficos da Escola Nova e dos seus principais expoentes no mundo afora (Rousseau, Dewey, Kilpatrick, segundo leitura de Acker) e no Brasil (Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e outros) constituiria, pode-se dizer, a principal disputa, dentro do campo filosófico-educacional, naquela época. Este fato é perceptível nos periódicos, nos congressos e encontros de inspiração católica, nas publicações em livros, nos debates em torno da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional de 1961 e através de um campo específico do conhecimento por onde essas questões, naturalmente, desaguavam: o campo do ensino.

Especialmente na condição de professor catedrático da disciplina História e Filosofia da Educação na Faculdade de Filosofia e Letras de São Bento, Acker impetrou a essa disciplina a sua marca de filósofo neotomista. Mostrando-se aberto ao novo, não deixava de ter suas desconfianças quanto às novidades do mundo moderno, preferindo, antes, a continuidade segura da tradição.

## 2 Os programas de Filosofia da Educação no século XX

O projeto da Igreja do qual Acker era um expoente importante se consubstanciaria na formação cristã das mentalidades a fim de fazer frente às ameaças trazidas pelo laicismo e suas consequências espalhadas por todos os lugares. Mas, como lembra Carlos Roberto J. Cury (1988, p. 151), isso “não se conseguiria sem uma exata noção do que pensam os outros, ou seja, os contrários a estas metas”. Por isso, afirma o autor, os que estão fora de suas fronteiras “devem ser conhecidos como conhecidas suas posturas, ante o catolicismo.” Para tanto, “os católicos deveriam deixar as atitudes defensivas e partir para as ofensivas em torno de veículos como: jornais, rádios, bibliotecas etc.” (CURY, 1988, p. 151).

Nessa ótica, os programas construídos por Acker, para direcionar o ensino de Filosofia da Educação, tinham exatamente este sentido de espaço de aprendizagem da “exata noção do que pensam os outros” (CURY, 1988, p. 151), isto é, os seus contrários e de suas posturas frente aos princípios cristãos. Ao mesmo tempo, eles eram um espaço privilegiado de afirmação apologética desses princípios.

Como vemos, seus programas se concentravam em quatro assuntos: 1º- abordagem sobre a história da filosofia; 2º- preocupação epistemológica em explicitar o significado das expressões: filosofia, ciência, educação, filosofia da educação, bem como das relações que possam existir entre esses termos; 3º- referência aos valores e fins da educação; e, em menor proporção (4º), a presença de temáticas de corte psicológico.

No primeiro caso, a História da Filosofia é traduzida pela proposição nos programas da Filosofia Antiga e Medieval e pela Filosofia Moderna. Quase não há referência à Filosofia Contemporânea. No primeiro programa de Filosofia da Educação, datado de 1948, Acker não transpõe os limites da idade antiga e medieval e enfatiza temas como: o platonismo pedagógico – Sócrates, Platão, os socráticos menores, o estoicismo e epicurismo; o neo-platonismo pedagógico: Plotino e Santo Agostinho; o peripatetismo pedagógico: Aristóteles e Tomás de Aquino. Em 1951, o programa circunscreveu seus conteúdos a partir de dois eixos básicos que vão dos pré-socráticos a Santo Agostinho, a saber: estudo do socratismo e platonismo educativo: Sócrates menores: cirenaicos, cínicos, estoicos, epicurismo, neo-platonismo, Plotino e Santo Agostinho.

Acker, sobretudo, da Filosofia Antiga e Medieval, em relação à Filosofia Moderna se remete a alguns fatores, tais como: a) à sua formação filosófica haurida nos anos que passou no Instituto Superior de Filosofia em Louvain onde bacharelou-se, licenciou-se e doutorou-se em Filosofia e Letras recebendo a influência dos mestres neotomistas Desiré Mercier e Jacques Maritain; b) a uma concepção de filosofia como síntese integral do saber humano, típica dos filósofos gregos; c) ao fato de que a filosofia medieval – corporificada na

patrística e na escolástica, tendo em Acker um herdeiro legítimo desta última – se nutre no pensamento grego, especialmente, em Platão e Aristóteles; d) a condenação dos filósofos modernos pela Igreja Católica.

O humanismo helênico foi, portanto, a fonte inspiradora de uma concepção filosófica que atravessou a prática de Acker em função do sentido de unidade do saber e de concepção total da realidade que carrega consigo, tal como expressa abaixo:

A philosophia antiga teve o culto da unidade. Platão no *Banquete* recomenda a contemplação da Ideia do Bello Absoluto, princípio da vida verdadeiramente moral. A tradição cristã, – desde os Padres da Igreja, inspirados, sobretudo na metaphysica platônica; até aos Doutores medievais, seguindo em maioria a esteira de Aristóteles – foi unânime em formar, de acordo com os requisitos da consciência moral e religiosa, compreensiva concepção de filosofia (ACKER, 1926, p. 32).

Visualizamos que paralelo ao culto da unidade que caracterizou o humanismo helênico estava a crítica desferida contra a falta de unidade característica da Filosofia Moderna. Para Acker (1926, p. 32), Descartes teve um papel chave neste processo, posto que ele teria “inaugurado o regime de separação” entre os saberes ao conceder supremacia à razão e à dúvida, contribuindo, com isso, para todo tipo de licenciocidade e anarquia evidentes na época moderna.

Interpretando Acker, em sua crítica aos filósofos modernos, Maria Helena B. Granjo (1999, p. 336) acrescenta que ela é devida a um fator relacionado à perda da perspectiva religiosa entre esses filósofos. É que os modernos, diz a autora,

não contentes em abandonar a tradição religiosa, teriam abandonado também a tradição filosófica e dado origem a uma forma de pensar não apenas individual, como individualista (...), tal individualismo, próprio da época, tinha reinado igualmente entre os cientistas.

Vemos que factualmente, a concepção de Filosofia de Acker em tudo a vincula a uma possibilidade de escalada para as dimensões do “supra-sensível” e para o “extra-fenomenal”, para usar uma expressão de Teobaldo Miranda Santos (1935, p. 82), um nome sempre presente entre os filósofos da educação adeptos do tomismo. Santos dizia, criticando a influência positivista, que a filosofia jamais deveria ser uma mera sistematização das ciências, “mas, um élan para o absoluto, uma ascensão para o transcendental e, sobretudo, uma concepção total da realidade” (SANTOS, 1935, p. 82).

Cumpramos lembrar que, desde o século XIX, a Igreja Católica havia publicado uma série de encíclicas, nas quais advogava uma ordem contrária aos pressupostos do modernismo que tantos transtornos lhe trouxe. Corroborando com estas críticas, Pe. Leonel Franca publicou em 1941, o livro *A crise do mundo moderno* em que explicitou as rupturas ocasionadas na cultura pelos pensadores que “lançaram no mundo em que vivemos o tumulto das ideias loucas (...), criando a anarquia em que vivemos”. Segundo Leonel Franca, Lutero, Descartes, Kant, Comte, Nietzsche e Marx foram os maiores responsáveis pela

“crise do mundo moderno”. O abandono da revelação cristã consistiria na razão suprema dessa crise (FRANCA. *In: Anais*, 1946, p. 68-69).

Contudo, Acker, mesmo sendo um crítico da Filosofia Moderna, não usou isso como estratégia de apagamento das temáticas próprias do período. Todavia, uma característica encontrada nos seus escritos é a capacidade de, ao tratar um determinado assunto, primeiro descrevê-lo em detalhes para, somente depois, lançar-lhe as devidas críticas. É preciso frisar, todavia, que a presença nos programas de Filosofia da Educação de Acker, de temáticas (ou filósofos) pertencentes à época moderna, provavelmente, significou uma oportunidade de ele exercer seu potencial agudo de crítica e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de enaltecimento da filosofia tomista, considerada a mais perfeita entre as demais.

Assim, no programa de 1948, e em outros, podemos encontrar os seguintes temas e autores: o racionalismo pedagógico de inspiração cartesiana; o empirismo e associacionismo: Locke, Bain, Herbart; o individualismo pedagógico: Rousseau, o socialismo pedagógico. Pelo menos em relação a Rousseau, Acker, nos seus textos, foi impiedoso quanto à concepção que tinha da infância, do papel do preceptor e da existência de incompatibilidade entre a natureza infantil e a sociedade. Fundamentalmente, Acker (1959, p. 599) não admitia, em Rousseau, a ideia de que, entre as necessidades que o aluno na idade escolar precisava conhecer, não figurava “a de ser instruído, nem mesmo a de ser informado (...)”. Contra isso afirmava que,

não é sem oportunidade lembrar essas ideias em face da pedagogia ‘Nova’, cujo espírito muitas vezes tende para certa instrução que é a negação do ensino e requer discípulos que já não sejam propriamente alunos. E tal é a tendência de todos aqueles que exageram o alcance dos métodos activos (ACKER, 1959, p. 559).

Assim, se Acker dava especial atenção à Filosofia Moderna com o objetivo de, sobre ela, descarregar toda a sua crítica que, aliás, era a mesma da Igreja Católica, isto talvez explique a quase ausência em seus programas de ensino da Filosofia Contemporânea. É que, para ele, de acordo com Granjo (1999, p. 336), havia uma “superioridade inegável da filosofia contemporânea em relação à sua congênere moderna”, porquanto ela “representava o retorno à reflexão metafísica, e não seria avessa à tradição filosófica e mesmo religiosa”. Assim sendo, a Filosofia Contemporânea, pela sua afinidade com a Metafísica, não representava qualquer ameaça a ser combatida que justificasse a sua inserção nos programas de Filosofia da Educação, trabalhados em sala de aula.

Contudo, havia em seu interior, uma corrente considerada uma exceção, uma quase heresia e que, portanto, pelo perigo que representava para sociedade e para a educação, tornava-se necessário dedicar atenção especial. Tratava-se do pragmatismo pedagógico. O pragmatismo de Dewey, em se constituindo no principal objeto de crítica dos católicos, desde a década de 30, ocupou espaço deveras ampliado na disciplina Filosofia da Educação, exigindo todo um trabalho de explicitação e contestação das suas teses, dentro daquela perspectiva colocada por Jamil Cury (1988, p. 151) de se conhecer as posturas daqueles que estão fora das fronteiras católicas.

Acker (1931, p. 81) referia-se ao filósofo norte americano como sendo “o maior e mais autêntico dos filósofos da escola nova,” diferenciando-o de posturas absolutamente condenáveis como as de Rousseau. Contudo, não admitia a doutrina de que se embasava Dewey em função de ser não só “naturalista, mas, sobretudo materialista” (ACKER, 1957, p. 408).

Se por materialismo compreende-se a “reduzibilidade total do real à matéria ou a forças inteiramente sujeitas às condições da matéria” (BRUGGER, 1987, p. 262) e, portanto, a negação ao homem de sua dimensão espiritual, é possível compreender a ligação que os católicos estabeleciam entre o materialismo deweyano e a conseqüente desordem que a falta de Deus criaria na sociedade ao abrir caminho para a implantação do comunismo. Dentro dessa lógica, não apenas John Dewey era identificado como comunista como o eram todos aqueles que, confessadamente, aderiram aos pressupostos de sua filosofia como, por exemplo, Anísio Teixeira. Daí as perseguições da Igreja Católica que Anísio Teixeira teve de enfrentar em diferentes momentos de sua vida.

O naturalismo pedagógico já havia sido condenado pelo Papa Pio XI como falso e perigoso, desde 1929, na Encíclica *Divini Illius Magistri* a qual, segundo Casali (1995, p. 107), “forneceu o paradigma doutrinário mais elaborado dentro do qual a Igreja no Brasil passou a conformar suas iniciativas no campo educacional”. Os filósofos da educação de inspiração tomista criticavam o naturalismo pedagógico em função de ele ter reduzido a Filosofia à ciência, a Psicologia a uma ciência experimental e, finalmente, pela ignorância quanto aos aspectos sobrenaturais do ser humano.

Podemos, por sua vez, relacionar a crítica de Acker a John Dewey ao protestantismo deste. Segundo Cury (1988, p. 140-141), para os católicos “as matrizes do pensamento reformador são provindas de países protestantes, isto é, suas teorias não se identificam com a ‘alma católica’ do povo brasileiro e nem com a personalidade histórica do mundo sul-americano”.

Assim, continua Cury (1988, p. 141):

Se o protestantismo aceita o sobrenatural, seu libertarismo contra a autoridade interpretativa da Igreja, sua separação entre fé e razão criaram condições para o advento de um naturalismo filosófico e pedagógico e de um liberalismo político individualista e ganancioso (CURY, p. 141).

Como asseveramos, a crítica de Acker (1957, p. 412-413) a John Dewey é ainda acrescida de um agravante: o fato de Dewey ter abandonado até mesmo a religião em que fora educado (o protestantismo) para cultuar, em seu lugar, “uma religião puramente natural e humanitária (...)”, preferindo, com isso, “a fé na ciência e na democracia”. Em outras palavras, se o protestantismo, por si só, representava para a Igreja Católica uma ameaça, o abandono deste pelo filósofo pragmatista representava algo tão ou mais nocivo posto que significava, implicitamente, sua adesão ao ateísmo. Para Acker, Dewey, ao se voltar à ciência e à democracia, transformadas em nova religião, se tornou um sectário para com a religião cristã e seu ensino nas escolas públicas dos Estados Unidos.

Temos outras temáticas recorrentes no programa de Filosofia da Educação ensinados por Acker: a definição de filosofia; filosofia e ciências; filosofia e cosmovisão; definições da educação.

Com relação à sua concepção de filosofia, cumpre ressaltar o nexo que estabelecia entre ela e a atividade de ensinar. Para ele, “a philosophia é um ensino e mesmo antes de tudo um ensino”. E, embora reconhecesse que como profissão ela “dá poucas riquezas porque foi dito que a metafísica não paga o homem”, Acker (1929, p. 22) ressaltava que era “incalculável” a “influência social e prática da Filosofia”.

De fato, Acker se movia no mesmo terreno da Igreja Católica, na sua convicção de que, fundamentalmente, pelo ensino se poderia conformar as mentalidades a seus ideais. Não foi insignificante, aliás, a influência exercida por ele sobre seus inúmeros alunos os quais, segundo Granjo (1999, p. 337), “provavelmente multiplicaram suas ideias, na função docente, na magistratura, ou na carreira política”. No que se refere à filosofia e à ciência, a relação que existia, segundo Acker, era de subordinação desta em relação àquela. Nas suas de Acker (1922, p. 119):

(...) a ciência depende indiretamente (relativamente) da filosofia, porque esta funda o direito dos primeiros princípios conhecidos e aceitos espontaneamente pelo senso comum. A filosofia rege ainda as ciências, indicando a cada uma delas o seu lugar próprio.

Constatamos que a concepção de ciência submetida à filosofia tipifica uma mentalidade arraigada ao pensamento escolástico, em que as dimensões religiosas, metafísicas e científicas não estavam dissociadas e na qual a filosofia reinava soberana. Nesse sentido, a Idade Média simbolizava, para Acker, o ideal a ser restaurado. No seu entender, a dissociação entre os saberes, existente a partir do século XIX, se evidenciava pela supremacia que tiveram as ciências naturais e matemáticas em relação à filosofia e à metafísica, originando o cientificismo, isto é, a crença de que a ciência por si só solucionaria os males da humanidade. A restauração do primado do pensamento filosófico, no conjunto dos saberes e no resgate do papel da teologia como orientadora geral de todas as ciências, fazia parte do movimento internacional de renascimento do catolicismo, segundo o qual a Universidade de Louvain era modelo.

Para Acker (1930, p. 16), a crescente especialização do conhecimento em diferenciadas esferas do saber e a sua subordinação à tirania positivista teria violado a hierarquia natural entre as ciências acarretando, com isso, a perda da integralidade científica característica do regime universitário medieval. Nessa acepção, criticava os excessos da mentalidade positivista para quem a filosofia deveria subordinar-se às ciências. Contrariamente, cabia à filosofia – como “*sciencia* da essência e existência das cousas” – o papel supremo de estabelecer o lugar próprio de cada ciência.

Desta perspectiva ampla de filosofia decorria a sua concepção de filosofia da educação, a qual deveria dar a última palavra sobre a ciência pedagógica. Paradoxalmente, embora necessária essa relação entre filosofia e pedagogia, esta estava subordinada àquela corroborando com a concepção de Acker de que “a parte só se entende no todo e de que, sem a compreensão geral

do sentido da filosofia, qualquer conhecimento específico carece de sentido” (GRANJO, 1999, p. 337).

Assim, salvaguardamos o papel essencial que tinha a teologia, o saber filosófico, por excelência, era o único capaz de, em função de sua vocação de saber total, ditar as regras para as demais ciências. Do mesmo modo, seguindo a linha silogística característica do seu raciocínio, cabia à Filosofia da Educação, em relação às demais ciências educacionais, uma função tão ampla quanto à da filosofia, isto é, a de determinar os fins da educação.

A questão dos valores e dos fins da educação constituía outra problemática central nos programas de Filosofia da Educação, de Leonardo van Acker. Segundo ele,

(...) o intelectualismo exagerado na pedagogia moderna e o conseqüente desleixo na formação do caráter, salientado pelos nossos educadores, são afinal resultados do preconceito de que a pedagogia é apenas *sciência* de observação e experiência filiada à psicologia e sem nexos com a moral (ACKER, 1930, p. 21).

Acker (1930, p. 17) não tinha dúvidas “de que a formação educativa” era “objeto de certa *sciência* ou técnica”. Para ele, isto “é quanto basta para definirmos a filosofia pedagógica: a crítica dos postulados da técnica ou *sciência* pedagógica” (ACKER, 1930, p. 17), para além dos modernos reducionismos metodológicos dessas teorias. Embora reconhecesse os progressos trazidos pelo movimento pedagógico moderno, Acker reiterava que as técnicas, para serem eficazes, não poderiam estar dissociadas de um ideal educativo. Para ele, a definição desse ideal constituía a tarefa própria da filosofia pedagógica ou da Filosofia da Educação.

Da crença – objeto de crítica dos católicos aos filósofos modernos – de que “a pedagogia é apenas *sciência* de observação e experiência filiada à psicologia e sem nexos com a moral” (ACKER, 1930, p. 21), decorria a necessidade imperativa da filosofia pedagógica, pois, no seu dizer: “se queremos a última palavra da razão humana sobre o valor dos postulados pedagógicos e da própria *sciência* educativa, havemos de recorrer à filosofia da educação” (ACKER, 1930, p. 21-22) porquanto, cabe a ela a tarefa de manter um ideal elevado na educação.<sup>64</sup>

A Filosofia da Educação deveria ser praticada ainda para evitar que o homem se perdesse na multidão dos fatos. Nesse sentido, Acker (1930, p. 22) destacou “o plano geral da filosofia educativa”. Segundo ele:

Os problemas maiores são os da essência, do fim e da existência da educação, bem como da essência e existência da própria *sciência* pedagógica. Tais questões podem ser tratadas por um exame positivo e lógico, precedido dum estudo histórico e crítico das várias teorias modernas de filosofia pedagógica.

---

<sup>64</sup> A expressão filosofia pedagógica é utilizada em texto do mesmo nome por Leonardo Van Acker (1930), como sinônima de filosofia da educação ou mesmo de filosofia educativa.

Este argumento, provavelmente, explicita a forma como Leonardo Van Acker trabalhava a Filosofia da Educação. Centrava sua atenção na História da Filosofia para dela derivar consequências para a educação. Tal procedimento teve longa duração na forma de conceber e praticar esta disciplina.

Finalmente, cumpre salientarmos a presença (ainda que em menor alcance) de temáticas de corte psicológico nos programas de Filosofia da Educação de Leonardo Van Acker, a saber: os fatos educacionais básicos: aprendizagem e ensino; conceituação de aprendizagem; conceituação de ensino; o educando, sua natureza e fins psicológicos imediatos: o comportamento humano, a motivação do comportamento humano, leis e princípios da aprendizagem humana. Estas temáticas, provavelmente, não guardam relações com a influência marcante que teve a Psicologia na conformação do campo educacional. Antes, podem estar ligadas à intrínseca relação que, desde os gregos, existia entre Filosofia e Psicologia, em que esta, como estudo da alma, era um campo de conhecimento tratado pelos filósofos.

A simbiose entre essas áreas só foi rompida, no século XIX, com o advento das ciências experimentais que, influenciadas pelo Positivismo, excluíram a metafísica assim como todo conhecimento que transcendesse o fenômeno sensível do âmbito da Psicologia Filosófica. Foi somente a partir desse século que a Psicologia se tornou uma ciência separada da Filosofia.

Na realidade, a separação da Psicologia da Filosofia teve implicações não apenas de ordem epistemológica. Ao se separar da Filosofia, a Psicologia, no intuito de constituir-se em um campo próprio de saber, apoderou-se de um objeto que não era seu, mas historicamente, da Filosofia, isto é, a alma humana, sede das emoções, vontades e desejos humanos. Desse modo, influenciada pelo positivismo, a Psicologia passou a assumir a responsabilidade de medir e controlar o comportamento humano, apoderando-se, portanto, não apenas de um objeto abstrato de conhecimento (a alma), mas, fundamentalmente, de um objeto concreto de controle sobre homens e mulheres, há muito de domínio filosófico e religioso.

### **3 A bibliografia e eventos na década de 40 e 50 relativos à Filosofia da Educação**

Consideramos que do ponto de vista bibliográfico dos programas de Filosofia da Educação não retratam de bibliografia ou livro indicado para leitura em sala de aula, pois não constitui uma exigência nesse período, ao final do programa de 1961 – o último encontrado sob a regência de Acker – ele escreveu: “o programa se inspira principalmente no livro de W. F. Cunningham: *The Pivotal Problems of Education*; Na *Introduction to the Christian Philosophy of Education*. Subsidiariamente serão aproveitados os livros de Redden e Ryan, Alves Siqueira e De Hovre”.

Segundo Acker (1969, p. 17), a obra *Filosofia Pedagógica* (1924) de De Hovre teve enorme influência nos “tratados pedagógico-filosóficos mais sistemáticos” escritos por Antônio Alves de Siqueira (*Filosofia da Educação* de 1942) ou a *Catholic Philosophy of Education* de J. D Redden e F. A. Ryan, (1942). Foram esses filósofos da educação, todos católicos, que deram a ler a realidade

educacional do período e que, provavelmente, subsidiaram os programas da disciplina Filosofia da Educação analisados.

No que concerne ao mercado editorial, as décadas de 40 e 50, especialmente, ofertaram na esfera da Filosofia da Educação, uma gama significativa de manuais, cujos autores, na sua quase totalidade, eram homens provenientes de uma formação religiosa de base católica.<sup>65</sup> Acrescentamos, por sua vez, o papel privilegiado que teve a Revista *A Ordem* na publicação de artigos filosófico-educacionais de inspiração cristã e do *Boletim da Associação dos Professores Católicos* (APC).

A proliferação dessa produção está relacionada ao fato de a Igreja Católica não conseguir atingir o controle exclusivo da educação superior no Brasil com vistas à formação das elites precisava. Por sua vez, combatia seus inimigos e enaltecia seus ideais, não apenas a partir da universidade católica, isto é, das disciplinas e dos programas de ensino, como toda uma produção teórica dedicada a esses objetivos. Nessa direção, foram abundantes as publicações em livros e revistas que circularam, sobretudo durante a década de 40 e 50, visando obter adesão do professorado.

De fato, ao falarmos sobre os espaços de legitimação e circulação da produção filosófico-educacional de inspiração católica, necessário se faz remeter ao papel privilegiado que teve a revista *A Ordem*. Apesar da existência de outros veículos, como a *Revista Brasileira de Pedagogia* (RBP) e a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP) na publicação de artigos da área, é no interior de *A Ordem* que podemos obter, de modo claro, uma visão do que foi a Filosofia da Educação, quando da sua institucionalização na universidade católica.<sup>66</sup>

Enfim, cumpre registrarmos que esses veículos de divulgação, embora abarcando a problemática filosófico-educacional do período, não se constituíam como veículos próprios da área, porque abrigavam assuntos de variados âmbitos do conhecimento.

#### 4 Considerações finais

Supomos que na crise do mundo moderno, a Filosofia da Educação foi compreendida pelos intelectuais que fizeram parte da sua história, no século passado, como um saber que tinha por função essencial contribuir para a

<sup>65</sup> Eis o exemplo de alguns livros de Filosofia da Educação que o mercado editorial ofertou no período em tela: Rui de Aires Belo. *Filosofia e Pedagógica*: para as cadeiras de curso pedagógico do Instituto de Educação do Brasil. Série Didática do Brasil. 1956; Franz De Hovre. *Pedagogos y pedagogia del catolicismo*. Madrid. 1948; Franz De Hovre. *Ensaio de filosofia pedagógica*. Série Atualidades Pedagógicas. São Paulo: Nacional, 1969; Alceu Amoroso Lima. *Humanismo pedagógico*: estudos de filosofia da educação. In: Coleção Presença. vol. XI. Rio de Janeiro: Stella, 1944; Jacques Maritain. *Rumos da educação*. Trad.: Inês Fortes de Oliveira. Rio de Janeiro: Agir, 1947; John. Redden e Francis A. Ryan. *Filosofia da Educação*. 2 ed., Rio de Janeiro: Agir, 1961; Teobaldo Miranda Santos. *Filosofia da educação*: os grandes problemas da pedagogia moderna Rio de Janeiro: Bofifoni, 1942; Teobaldo Miranda Santos. *Noções de Filosofia da Educação*. Rio de Janeiro: Nacional, 1947; Antônio Alves de Siqueira. *Filosofia da Educação*: Subsídios para um curso. Petrópolis: Vozes, 1942.

<sup>66</sup> Para uma análise da RBP, vide a dissertação de Sgarbi (1997). Para uma análise das principais concepções de filosofia da educação veiculadas pela RBEP, vide Saviani (1984, p. 273-290).

construção de um ideal elevado para a educação, delimitando os fins e os valores que deveriam ser transmitidos pelas gerações anteriores às mais jovens. Esse ideal dos intelectuais foi definido a partir de algumas autoridades, como por exemplo, São Tomás de Aquino e Papa Pio X, entre outros.

A primeira geração de professores de Filosofia da Educação disseminou suas ideias em diversas revistas da época (*A Ordem*, *Revista Brasileira de Pedagogia* etc.) e nos manuais de Filosofia da Educação destinados aos cursos de formação de professores. Em geral, eram neotomistas.

Entendemos que a missão da disciplina Filosofia da Educação no curso de Pedagogia da PUC-SP, nesse período, foi bastante ampla. Por isso mesmo, muitas vezes ficou conhecida como “cosmovisão da educação” ou “mundividência pedagógica”. Entretanto, a Filosofia da Educação não tinha somente a responsabilidade de disciplina interna a esse curso – que era a de definir os fins da educação e determinar o lugar próprio de cada ciência pedagógica – mas, sobretudo era responsável pelo tipo de sociedade que seria construída a partir dela. Extrapolando o domínio do meramente epistemológico, verificamos que sua função era principalmente, essencialmente ética e doutrinária. Desse modo, à medida que a disciplina reproduzia os valores cristãos através dos seus programas e manuais de ensino, ela participava da produção da sociedade idealizada pela Igreja.

A defesa dos ideais católicos de educação contra os pressupostos considerados ateus e modernizantes da Escola Nova constituiu-se, ao longo do período estudado, no cerne da principal polêmica travada pelos intelectuais da Filosofia da Educação. A depender do resultado dessas disputas, selou-se o destino da Filosofia da Educação. Nesse aspecto, Lucíola Santos (1990) tem razão quando afirma que a proposta curricular de uma disciplina, em determinada época, é resultado da hegemonia de uma dada posição em seu interior.

Concluimos que a filosofia tomista foi o núcleo de inspiração dos intelectuais neotomistas, da maioria homens, dos programas e da bibliografia que conformaram uma determinada identidade à Filosofia da Educação: uma identidade filosófico-teológica. A conexão íntima, segundo os neotomistas – entre pedagogia e religião e entre filosofia e teologia, possibilitou à disciplina Filosofia da Educação, nesse quadro, incorporar, consolidar e reproduzir o projeto de uma sociedade espiritual forjada através dos mais elevados ideais cristãos que a ela competia fixar.

## Referências

ACKER, Leonardo. **Introdução à philosophia**: resumo destinado aos alunos. São Paulo: Agrasso e Pinheiro. 1922.

\_\_\_\_\_. Lição inaugural pelo Dr. Leonardo Van Acker. *In: Anuário do ano letivo de 1925*, p. 25-49, Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo. São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild, 1926.

\_\_\_\_\_. Filosofia pedagógica. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano X, nº 8/10, p. 12-23. 1930.

\_\_\_\_\_. Santo Tomaz de Aquino e a Escola Nova. **A Ordem**, Rio de Janeiro, nº 19, p. 139-145. 1931.

\_\_\_\_\_. O naturalismo de John Dewey. **Revista Brasileira de Filosofia**, São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, p. 408-419. 1957.

\_\_\_\_\_. **O tomismo e o pensamento contemporâneo**. São Paulo: Convívio, 1983.

\_\_\_\_\_. A Essência genuína da Escola Nova. **Revista Brasileira de Filosofia**, São Paulo, vol. IX, fasc. 4, p. 595-605. 1959.

\_\_\_\_\_. Frans De Hovre: O Homem e a obra. *In*: HOVRE, Frans de. **Ensaio de filosofia pedagógica**. Tr.: Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Nacional, p. XIII a XX. 1969.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. **Leonardo van Acker e a filosofia da educação na PUC-SP**. Disponível em: [www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada6/...](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada6/...) · Arquivo PDF. Data de acesso: 11 dez. 2018.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. **Trilhas e temas da disciplina Filosofia da Educação a partir da PUC/SP**. Tese de Doutorado: Educação: história, política, sociedade. PUC-SP, São Paulo, 2002.

BRUGGER, W. **Dicionário de filosofia**. 4 ed. São Paulo: EPU. 1987.

CAMPOS, Fernando Arruda. **Tomismo e neotomismo no Brasil**. São Paulo: Grijalbo. 1968.

CASALI, Alípio. **Elite intelectual e restauração da Igreja**. Petrópolis: Vozes. 1995.

CURY, Carlos Roberto J. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**. 4 ed. São Paulo: Cortez-Autores Associados. 1988.

GRANJO, Maria Helena B. Leonardo Van Acker. *In*: FÁVERO, Maria de Lourdes de A., BRITTO, Jader de M (orgs.). **Dicionários de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais**. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 333-338, 1999.

OLIVEIRA, J. H. Barros de. **Filosofia, psicanálise e educação**. Coimbra: Almedina. 1997.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira, SOUZA, Beatriz Muniz de, CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Igreja Católica: 1945-1970. *In*: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira**. Tomo III: o Brasil republicano. 4º volume: economia e cultura (1930-1964), p. 345-380. 2 ed. São Paulo: Difel, 1990.

PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estatutos. *In*: **Anais**, p. 201-205. São Paulo: Ave Maria, 1946.

ROSA, Maria da G. de. **A história da educação através dos textos**. 19 ed. São Paulo: Cultrix. 1993.

SANTOS, Lucíola. L de C. P. História das disciplinas escolares: perspectivas de análise. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, nº 2, p. 21-29. 1990.

SANTOS, Teobaldo Miranda. Depoimento (saudação feita durante o congresso eucarístico de Campos). **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano XV, vol. XIV, p. 80-86. jul/dez, 1935.

SAVIANI, Dermeval. A filosofia da educação no Brasil e sua veiculação pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. **RBEP**, Brasília, p. 273-290. mai/ago, 1984.

SEVERINO, Antônio J. **A filosofia contemporânea no Brasil**: conhecimento, política e educação. Petrópolis: Vozes. 1997.

SGARBI, Antônio Donizetti. **Igreja, educação e modernidade na década de 30**: escolanovismo católico. Dissertação de mestrado, Programa de Educação: História e Filosofia da Educação, PUC-SP. 1997.

**Abstract:** This article discusses the philosophy of education in the perspective of Leonardo van Acker in the mid - twentieth century under the influence of the Thomist perspective, taught by the thinker. His ideas served as a guide to the teaching of philosophy, expressing how much the thinker is important for the debate of the philosophy of education in all disciplines of the time, especially the Pontifical Catholic University of São Paulo, which was born in the context of the broad Catholic movement of socialization in the 1920s, with its justification, the crisis of domination of the Church, apparent from a moral crisis, due to the increasing progress of the laicization of institutions, which, within this vision, contributed to undermining the implantation of Christian ideals in the society. The creation of the Catholic university meant, for the Catholic Church, a grandiose achievement in the difficult situation it was in the 1940s.

**Keywords:** Leonardo van Acker - Leonardo van Acker's Philosophy of Education - Neotomism and contemporary philosophy - The Philosophy of Education programs in the 20th century